

Identidade cultural e sertaneja

Quando tinha 6 anos, Ramilye Barbosa começou a se interessar por moda. Fazia parte de um grupo de costura na escola e usava a máquina da avó para fazer os primeiros testes. Mas a garota cresceu e passou a se dedicar a outro tipo de arte: a música. Ela tocava em uma banda e trabalhava com produção cultural na cidade natal, Triunfo, no sertão de Pernambuco.

Como tinha afinidade com a moda, começou a fazer as próprias roupas e os figurinos dos shows. “Fazia para mim e meus amigos porque queria vestir algo diferente, mas sem fins comerciais,” reforça. A ideia de Ramilye era trazer para suas peças um pouco dessa cena cultural e artística em que estava envolvida e, assim, começou a desenvolver estampas.

A primeira que criou foi inspirada nos casarões de Triunfo. “Minha cidade tem uma quantidade enorme de casarões colombianos, que são preservados até hoje. E eu achava aquelas fachadas muito lindas.” Ramilye fotografou o casario e estampou um vestido. “As pessoas me viam na rua e queriam tirar a peça do meu corpo e comprar”, diverte-se.

Diante de tanta insistência, a jovem se rendeu e começou a aceitar pedidos, e produzir e vender as peças. “Como eu já tinha essa afinidade com a costura, foi natural. Mas não tinha marca, não tinha nome, não tinha nada.”

Da argila para a moda

Do Alto Moura, tradicional bairro de Caruaru que abriga ateliês de barro, vem um projeto que une sustentabilidade e geração de renda para mulheres da região. “Tem uma época que não é boa para a comercialização das peças de barro. Daí, as mulheres, principalmente, têm dificuldade para se manter”, explica Marisete Bento, gestora de produção da Mulheres de Argila (@mulheresdeargila_), que tem como lema transformar poluição em arte.

O projeto nasceu no Sebrae, em março de 2011, e já capacitou mais de 200 mulheres para confeccionar peças de vestuário e decoração com a trama do jeans. Marisete explica que a associação fez parceria com indústrias têxteis do Agreste para receber as ourelas — bordas laterais do tecido — que seriam descartadas. Pelo menos 50 milhões de metros desse material eram jogados fora por mês.

Para transformar esse descarte em uma peça



Fotos: Rodrigo Gonçalves/Divulgação

Ramilye Barbosa traz a cultura do sertão nordestino para suas roupas

A primeira coleção da Ramys (@useramys), como ela batizou a marca, foi justamente inspirada nesse casarão.

Influência

As peças são agênero e diversificadas — kimonos, vestidos, camisas. A preocupação com a sustentabilidade também está presente: as roupas são feitas em viscose ecológica e a tintura é biodegradável. Triunfo, conhecida por suas manifestações culturais, como o carnaval dos caretas, em que um grupo de mascarados saem pelas ruas da cidade, é uma das principais fontes de inspiração, mas não a única.

Sempre ligada à arte, Ramilye, eventualmente, tem convidado artistas da região que trabalham com design ou pintura de quadros para estampar suas



roupas. Para o futuro, a estilista está desenvolvendo trabalhos manuais com bordado e crochê, além de upcycling, com materiais que seriam descartados.

Felipe Eugenio/Divulgação



Marisete Bento está à frente da gestão de produção da Mulheres de Argila

artesanal, as mulheres só precisam de uma folha de isopor vendida em qualquer papelaria e alfinetes. “A partir daí, elas vão, fazendo a trama do tecido, que, depois, é costurado na máquina”, detalha. E assim surgem bolsas, mochilas e diversos acessórios de moda e de decoração.

Para desenvolver o design, a Mulheres de Argila

contou com a consultoria do estilista pernambucano Melk Z-Da. “A gente queria um produto que saísse da mesmice”, conta. Além das fitas vindas das ourelas, os fios dos tecidos descartados são usados para fazer peças de crochê e de macramê que são verdadeiras obras de arte. Sustentabilidade e criatividade andando de mãos dadas.